

## ***Fake News: Os Desafios e Oportunidades do Jornalismo na Era da Pós-verdade***<sup>1</sup>

George Henrique Aires BORGES<sup>2</sup>

Alessandra Gomes Duarte LIMA<sup>3</sup>

Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi, TO

### **RESUMO**

O Jornalismo é uma das profissões mais fascinantes do mundo. Colabora para a transformação de vidas, contribui para a resolução de problemas sociais, ajuda a apurar fatos relacionados à corrupção e outras mazelas sociais. Porém, tudo isso pode estar comprometido devido às notícias falsas disseminadas pela internet. Boatos e mentiras têm histórico antigo, pois desde os primórdios da humanidade são plantados na sociedade para justificar pontos de vista ou alcançar algum objetivo. O que mudou foi a nomenclatura e os meios pelos quais são disseminadas. O termo *fake news* ganhou força durante a corrida presidencial americana, em 2016, entre *Donald Trump* e *Hillary Clinton*, fazendo com que as notícias falsas se tornassem objeto de estudo em todo o mundo. A revolução causada pelas novas tecnologias é um dos fios condutores deste trabalho para o entendimento das práticas de produção de notícias mentirosas, os fatores que oportunizam a proliferação rápida e em massa nas mídias sociais e os reflexos negativos que respingam no Jornalismo tradicional. Nesse contexto, questiona-se: Quais são os desafios e oportunidades do Jornalismo diante das *fake news*? Buscou-se, então, levantar os principais desafios e oportunidades do Jornalismo perante tal cenário. O trabalho foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos, dissertações, teses e sites. Para Lage (2014, p.20), “o jornalismo é uma prática social que decorre da evolução da sociedade e consequente fragmentação de conhecimentos e funções da vida social”. Nesse prisma, vale lembrar que a sociedade vai moldando e é moldada pelo Jornalismo que nela é praticado. Assim, quanto mais complexo e segmentado o tecido social, mais núcleos de atuação possui o Jornalismo. A

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Graduado em Jornalismo pela Universidade de Gurupi - UnirG, email: georgehenrique15ab@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi - UnirG, email: aleduarte@unirg.edu.br

neutralidade e a objetividade são outros dois caminhos defendidos no exercício jornalístico, que indicam que as palavras lançadas precisam ter credibilidade diante dos leitores e consumidores das notícias. Rossi (2000) rema contra as definições-padrão do Jornalismo e estabelece a objetividade e a neutralidade como mitos. Para o autor, os profissionais da imprensa carregam consigo formações culturais, impressões pessoais, emoções e sentimentos que os diferem uns dos outros em suas opiniões. Toda essa diferença colabora para que cada profissional enxergue o fato de formas diferentes. No Brasil, desde 2009, não é exigido diploma para o jornalista exercer a profissão. Alguns dos pontos defendidos para esta inexigibilidade é que ele passou a ser imposto durante a Ditadura Militar e “fere” o artigo 5º da Constituição Federal de 1988, no que tange à liberdade de expressão e a liberdade de informação. Porém, o exercício da profissão não está ligado somente à liberdade. Todos são livres para manifestar seu ponto de vista, mas ser jornalista vai além disso. Implica técnicas, formação do senso crítico, análise do contexto social e histórico. (MELO, 2017). As práticas comunicacionais deram um salto em relação à rapidez com que as informações são concebidas e veiculadas, as distâncias estreitaram-se e tudo acontece em tempo real. Isso é possível graças à rede mundial de computadores e às novas tecnologias. É impossível pensar a concepção de mundo atual sem a existência dos *smartphones*, suas ferramentas e conexões, como pontua Ancona (2018). Há 50 anos essa interação era totalmente inconcebível, por isso “O tecido conjuntivo da *web* é um dos maiores feitos da história da inovação humana” (ANCONA, 2018, p.50). Com todas estas transformações, a imprensa também passa por mudanças. Os meios tradicionais perdem espaço e novas plataformas surgem para dar visibilidade e rapidez a assuntos de interesse público. (SOUZA, 2017). Segundo Priolli (2018), o Dicionário Oxford define pós-verdade como um adjetivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. (PRIOLLI, 2018). Não está relacionado somente à mentira, mas também à indiferença com a verdade dos fatos, um apelo para o emocional. No ambiente digital e online, as notícias falsas são produto da pós-verdade pelo fato das pessoas acreditarem mais uns nos outros do que em órgãos tradicionais da imprensa. Nessa perspectiva, as notícias ganham aparência de verdade e conquistam cada vez mais visibilidade e compartilhamento (PRIOLLI, 2018). Para Marques (2018), o Jornalismo tradicional passa a ter menos credibilidade diante deste

contexto. Outros agentes passam a produzir conteúdo e disputar espaços com os profissionais da área influenciando a opinião pública. Esses conteúdos confirmam a visão de mundo de cada usuário e, quanto mais acessados nas redes, mais ficarão em evidência controlados por algoritmos que “gerenciam o que será exibido com maior frequência na linha do tempo que nós apenas temos a impressão de controlar” (MARQUES, 2018, p.4). Uma verdadeira ameaça à democracia e ao acesso à informação pelo cidadão. (BRITO, 2018). Muitos problemas identificados nos ambientes de disseminação de notícias falsas estão ligados, principalmente, ao campo ideológico político-partidário ou à construção de uma sociedade ideal na visão unilateral de cada pessoa. O que mais preocupa é a radicalização dos usuários e os discursos de ódio praticados a partir da concepção das *fake*, segundo Bessas (2018). Outro ponto se relaciona diretamente com a facilidade em publicar conteúdos nas redes digitais. É cômodo clicar e repercutir se tal ato não traz consequências imediatas ao usuário. Quando conteúdos maliciosos chegam até nós graças ao compartilhamento feito por pessoas em quem confiamos, então, o estrago está feito (MARQUES, 2018). Dada a gravidade, as reações às notícias falsas começam a ganhar mais força. Dentre elas, além das normas jurídicas que passam a prever punições ou a criar mecanismos que facilitem retirar “do ar” conteúdos inverídicos, está a emergência do chamado “jornalismo de checagem de fatos”. Ainda que o nome não seja dos mais apropriados – afinal, todo bom jornalismo checa fatos –, as entidades dedicadas a essa atividade têm se projetado. Uma de suas marcas é o próprio uso das tecnologias de comunicação digital a fim de aperfeiçoar os mecanismos de controle, fiscalização e prestação de contas. (MARQUES, 2018, p.6). É preciso encontrar alternativas de orientação às pessoas para não confiarem em todas as informações lançadas nas redes e a criarem instrumentos de defesa para os transtornos que a era digital e da “pós-verdade” proporcionam. (MARQUES, 2018). As próprias redes sociais, como aponta Ancona (2018), começam a apresentar soluções para o problema das *fake news*. O *Facebook*, por exemplo, trabalha com alguns checadores de informações independentes e o *Snapchat* com diretrizes que proíbem *links* fraudulentos, exigindo exatidão na apuração das informações em seus canais “*Discover*”. Embora seja uma missão árdua, por causa da quantidade de notícias duvidosas espalhadas, uma oportunidade em meio a este cenário é a especialização dos jornalistas no combate dessas fontes duvidosas. Na visão de

Santos e Spinelli (2017, p.14), o próprio Jornalismo precisa encarar a situação com profissionalismo, proporcionar ações efetivas de enfrentamento dessa problemática, conscientizar os leitores sobre a importância do consumo de informações confiáveis e “assumir o papel de guardião da credibilidade das notícias”. Precisa apostar na sua essência: o compromisso com a qualidade e apuração dos fatos. Criar impacto, amplificar vozes e conquistar uma audiência que, como mostram pesquisas citadas nesse trabalho, está cada mais vez mais descrente nos veículos de mídia. Ancona (2018, p.101) reitera que “ensinar a navegar na web com discernimento é a missão cultural mais urgente de nossa época” e o compreende como uma verdadeira oportunidade aos jornalistas, entre tantas outras, para começar a recuperar a credibilidade. Ele também defende a necessidade de responsabilizar os seus produtores e, principalmente, os grandes e poderosos veículos disseminadores de conteúdo nas mídias digitais – o *Facebook* e o *Google*. Mesmo com esses mecanismos de verificação e combate às *fake news* sendo criados e colocados em prática, é preciso entender que a era da pós-verdade não acabará repentinamente. As mentiras podem ser facilmente derrotadas por um fato bem checado, porém a pós-verdade é um fenômeno emocional e sobrepõe à disputa mentira x verdade. Está muito mais ligado ao comportamento das pessoas do que o próprio exercício em si. (ANCONA, 2018). O esforço contra as notícias falsas contempla tanto aspectos éticos, de compromisso com a verdade e processos que diminuam o erro. Por isso, é fundamental a atualização e reflexão sobre as práticas jornalísticas para combater a pós-verdade. A busca por maior credibilidade também contribui para que o público não acredite em tudo que vê na internet. O reforço na qualidade do material produzido pelo Jornalismo pode ajudá-lo na reafirmação do seu papel de mediação social, criação de uma identidade coletiva e fomentação da democracia. (ALVES, 2017). Por fim, ressalta-se que todo desafio corrobora para o surgimento de novas oportunidades e, entre elas, podemos destacar a possibilidade de criar meios para a análise de notícias suspeitas e o resgate da discussão sobre a importância do diploma para o exercício da profissão. Cabe aos jornalistas a missão de combater a era da pós-verdade por uma reflexão de suas próprias práticas, conscientizar as pessoas sobre a importância de checar as fontes e dedicar-se na produção de materiais de qualidade. Não que a era da pós-verdade será facilmente derrotada, mas é preciso dar passos no combate a esse mal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; *Fake news*; Mídias digitais; Pós-verdade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Esdras de Lima. A pós-verdade e seus desafios para o jornalismo. TCC do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/177688>>. Acesso em: 16 set.2019.

ANCONA, Matthew D'. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. Tradução de Carlos Szlak. 1ª edição brasileira. Barueri: Faro Editorial, 2018.

BESSAS, Alex. Redes em xeque! 'Fake news' colocam as mídias digitais como risco à democracia. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/pampulha/redes-em-xeque-fake-news-colocam-as-m%C3%ADdias-digitais-como-risco-%C3%A0-democracia-1.1590318>>. Acesso em: 14 nov.2018.

BRITO, Sabrina. O impacto das fake news no dia a dia do jornalismo. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/pos-verdade/o-impacto-das-fake-news-no-dia-dia-do-jornalismo/>>. Acesso em: 04 dez.2018.

LAGE, Nilson. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.20-25, Jan-Jul, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6080/3724>>. Acesso em: 17 nov.2018.

MARQUES, Jamil. Que desafios as fake news impõem ao jornalismo e à política?. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/que-desafios-as-fake-news-impoem-ao-jornalismo-e-a-politica-doiuizi71nxbdgxpjpek0ewje/>>. Acesso em: 05 dez.2018.

MELO, Gabriela Pereira. A inexigibilidade do diploma de jornalista refletida no mercado de trabalho online da capital tocantinense. Atura Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, v. 1, n. 2, p. 204-218, maio-ago., 2017. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/download/3957/11505/>>. Acesso em: 27 nov.2018.

PRIOLLI, Gabriel. A era da pós-verdade. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/933/a-era-da-pos-verdade>>. Acesso em: 14 nov.2018.

ROSSI, Clóvis. O que é Jornalismo. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

SANTOS, Jessica de Almeida; SPINELLI, Egle Müller. Pós-verdade, fake news e fact-checking: impactos e oportunidades para o jornalismo. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores

em Jornalismo, ECA/USP, São Paulo, nov.2017. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/profile/Egle\\_Spinelli2/publication/330763998\\_Pos-verdade\\_fake\\_news\\_e\\_fact-checking\\_impactos\\_e\\_oportunidades\\_para\\_o\\_jornalismo/links/5c53328fa6fdccd6b5d76496/Pos-verdade-fake-news-e-fact-checking-impactos-e-oportunidades-para-o-jornalismo.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Egle_Spinelli2/publication/330763998_Pos-verdade_fake_news_e_fact-checking_impactos_e_oportunidades_para_o_jornalismo/links/5c53328fa6fdccd6b5d76496/Pos-verdade-fake-news-e-fact-checking-impactos-e-oportunidades-para-o-jornalismo.pdf)>. Acesso em: 16 set.2019.

SOUZA, Rogério Martins. Investigando as fake news: análise das agências fiscalizadoras de notícias falsas no Brasil. Intercom, Volta Redonda, 15 p., jun.2017. Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0343-1.pdf>>. Acesso em: 01 nov.2018.